

# A família frente ao alcoolismo: um estudo fenomenológico

*The family facing alcoholism: a phenomenological study*  
*La familia delante el alcoholismo: un estudio fenomenológico*

Lorena Uchôa Portela Veloso<sup>1</sup>, Claudete Ferreira de Souza Monteiro

<sup>1</sup> Mestre em Enfermagem. Membro do Grupo de Estudo Sobre Enfermagem, Violência e Saúde Mental da Universidade Federal do Piauí. Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI. <sup>2</sup> Doutora em Enfermagem. Docente da Universidade Federal do Piauí. Líder do Grupo de Estudo Enfermagem, violência e saúde mental da Universidade Federal do Piauí. Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI.

Submissão: 09/02/2011

Aprovação: 26/03/2011

## RESUMO

O alcoolismo envolve uma larga extensão de problemas comportamentais que podem interferir no funcionamento normal da família, do trabalho e da comunidade. Por todos esses comprometimentos é que sua compreensão não deve se restringir ao plano biológico, sendo necessário considerar-se o contexto cultural e familiar. Objetivou-se neste estudo compreender a vivência familiar frente ao alcoolismo, as repercussões no cotidiano e o significado atribuído a esse fenômeno, à luz da fenomenologia heideggeriana. Os dados foram coletados por meio de entrevista com 7 familiares, no período de junho e julho de 2009, em Teresina-PI. Para análise dos dados utilizou-se dos conceitos de Heidegger. Ao desvelar-se o fenômeno do alcoolismo na família percebe-se que o cotidiano é permeado por violências, as quais trazem à tona um ambiente familiar inesperado, de instabilidade e dificuldades, condicionando, o álcool, a rotina e acarretando sérias repercussões na vida dos familiares, afetando negativamente sua autonomia, sua individualidade, suas relações, sua saúde.

Descritores: Alcoolismo. Família. Enfermagem.

## ABSTRACT

Alcoholism involving a wide range of behavioral problems that can interfere with normal family, work and community. For all of these commitments is that their understanding should not be restricted to the biological level, it is necessary to consider the cultural context and family. This study approaches family members' experience facing alcoholism, impact on daily life and the meaning attributed to this phenomenon, in the light of Heidegger's phenomenological analysis. Data were collected by means of interview with 7 families in Terezina, Piauí/Brazil, from June to July of 2009. By uncovering the phenomenon of alcoholism in the family perceives that daily life is permeated by violence, which bring up a family unexpected, instability and difficulties. Alcohol makes the routine and has serious repercussions on the lives of families, negatively affecting their independence, their individuality, their relationships, their health.

Descriptors: Alcoholism. Family. Nursing.

## RESUMEN

El alcoholismo abarca una amplia gama de problemas de conducta que pueden interferir con la familia normal, trabajo y comunidad. Para todos estos compromisos es que su entendimiento no debe restringirse a nivel biológico, es necesario considerar el contexto cultural y familiar. El presente estudio aborda la vivencia de los familiares delante el alcoholismo, impacto en la vida diaria y el significado atribuído a este fenómeno, con análisis fenomenológica heideggeriana. Los datos fueron colectados por medio de entrevista con 7 familiares em el período de junio a Julio de 2009 em tersina,PI. Al descubrir el fenómeno del alcoholismo en la familia percibe que la vida cotidiana está impregnada por la violencia, que criar una familia inesperado, la inestabilidad y dificultades. El alcohol hace que la rutina y tiene graves repercusiones en la vida de las familias, afectando negativamente su independencia, su individualidad, sus relaciones, su salud.

Descritores: Alcoolismo. Família. Enfermería.

## 1 INTRODUÇÃO

O alcoolismo, considerado um dos mais sérios problemas de saúde pública, desperta a atenção de autoridades médicas e sanitárias de diversos países, uma vez que o consumo abusivo de álcool provoca direta ou indiretamente custos altos para o sistema de saúde, pois as morbidades desencadeadas por ele (cirrose, alguns tipos de câncer, acidente vascular cerebral) são de difícil manejo e requerem recursos e tecnologias de altos custos. Além disso, a dependência do álcool aumenta o risco para acidentes de trânsito e violência<sup>(1)</sup>.

Dados do I Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil, realizado em 2001, pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), envolvendo as 107 maiores cidades do País, indicaram uma prevalência do uso do álcool na vida de 68,7% na população brasileira entre 12 e 65 anos, sendo ela maior entre o sexo masculino (77,3%) do que para o feminino (60,6%), indicando ainda que 11,2% da população eram dependentes do álcool. Já no II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil, realizado em 2005 pelo mesmo centro, verificou-se que a prevalência do uso de álcool na vida aumentou para 74,6% para a mesma população entrevistada, estimando-se para o sexo masculino um percentual de 83,5% e no feminino de 68,3%, com a taxa de dependência da população pesquisada ficando em torno de 12,3%<sup>(2-3)</sup>.

O aumento do consumo de álcool evidenciado pelos dados acima demonstra que a bebida alcoólica é cada vez mais presente no cotidiano dos brasileiros e o seu controle adquire uma posição significativa nas políticas públicas, haja vista que seu uso excessivo contribui para profundos problemas individuais e sociais.

Além de afetar diretamente o usuário, o álcool transcende a barreira pessoal e atinge suas relações familiares, ocupacionais e sociais. Estudo sobre as repercussões do álcool nas relações familiares evidenciou altos níveis de conflito interpessoal, violência doméstica, separação e divórcio, dificuldades financeiras e legais, além de certa transmissão familiar de abuso de substâncias<sup>(4)</sup>. Os efeitos psicológicos, sociais, culturais, jurídicos, políticos e econômicos da dependência do uso e abuso do álcool acarretam prejuízos incalculáveis com redução das condições e qualidade de vida constituindo num ônus direto para o próprio usuário, bem como seus familiares<sup>(5)</sup>.

A família é um grupo de indivíduos que interagem entre si e entre outros e são interdependentes, sendo que, qualquer alteração em um dos membros acarretará uma mudança nos demais e em todo o sistema familiar e social<sup>(6)</sup>. O adoecimento de um membro da família afeta todos os outros, podendo levar, dependendo do problema de saúde, a adaptações ou até mesmo a adoção de um novo estilo de vida<sup>(7)</sup>.

Viver em um "ambiente alcoolista" afeta negativamente os descendentes de alcoolistas, além de que pro-

blemas familiares como desavenças, falta de credibilidade e desconfianças são sentimentos despertados nas pessoas que já passaram pela experiência de ter um dependente na família<sup>(8)</sup>. Neste sentido, pelo fato da dependência de álcool comprometer o cotidiano familiar, afetar a economia, as relações no trabalho e a sociabilidade em geral, a sua compreensão não deve se restringir ao plano biológico, sendo necessário considerar-se o contexto cultural<sup>(9)</sup>.

O entendimento do alcoolismo no âmbito familiar pode auxiliar na quebra de crenças, preconceitos e superação da negação do problema, possibilitando o desenvolvimento de um plano assistencial individualizado, com intervenções educativas e aconselhamentos, de forma a propiciar condições que resultem na reformulação do estilo de vida e numa melhor reinserção do usuário na sociedade<sup>(10)</sup>.

A família, dessa forma, requer reajustes para manter-se ajustada aos desequilíbrios decorrentes desse processo, uma vez que a aflição emocional, dificuldade de relacionamento e problemas familiares, e dificuldades financeiras dificultam a abstinência e induzem a recaída do alcoolista, favorecendo o recrudescimento dos problemas. Em decorrência da necessidade de ajuda para dar conta das fragilidades e rupturas do vínculo familiar, e do redimensionamento de papéis que a situação impõe à família, é preciso uma atenção a esta família que vise reduzir o déficit de inadequação no manejo da problemática e amplie as possibilidades de uma melhor convivência.

Ao creditar-se à família o protagonismo no processo de tratamento psiquiátrico, ou seja, como co-participante e não como um sistema desequilibrado, há uma valorização da capacidade da família de resolver efetivamente situações/problemas, intervir nas crises e promover a recuperação do seu membro com problemas de uso e abuso do álcool<sup>(11)</sup>.

Nesse sentido, objetivou-se neste estudo, fundamentando-se na fenomenologia de Martin Heidegger, compreender a vivência dos familiares junto ao cotidiano com o alcoolista e o significado atribuído por eles a esse fenômeno. Entende-se que a busca por esse vivido familiar, diante da relevância da família para a adesão ao tratamento pelo alcoolista, permite a compreensão do processo e da convivência familiar, de forma a criar subsídios para a prestação de uma assistência mais humanizada e integral, com saberes e práticas mais adaptados ao alcoolista e família, além de proporcionar bases para posteriores pesquisas sobre o tema.

## 2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caráter descritivo, qualitativo, com abordagem fenomenológica, ao buscar-se nesta pesquisa compreender a vivência dos familiares de alcoolistas. A Fenomenologia Heideggeriana apresentou-se como método apropriado para desvelar esse fenômeno, uma vez que vai ao encontro do significado

que as pessoas atribuem às suas vivências.

A fenomenologia deve "fazer ver" algo que se mostra desfigurado ou velado, ou ao sentido de algo que, não ausente, pode encontrar-se silenciado, interdito, velado, e tornar-se fenômeno quando desvelado. Em outros termos, para este autor, fenômeno não é tão somente a manifestação da consciência e da subjetividade transcendental como diz Husserl, mas, uma revelação do ser, pois este se apresenta como é e como se manifesta<sup>(12)</sup>.

A fenomenologia tem seu foco voltado para as experiências vividas pelo sujeito, e tem como objetivo ver o fenômeno como ele se mostra em si mesmo, sem qualquer interferência de que se possa ter a respeito, de forma a captá-lo em sua essência. A sua preocupação principal consiste em construir uma ontologia na base da qual será possível entender a problemática da questão sobre o Ser, partindo do Ser-aí, traçando relação entre essa instância do Ser e a estrutura do Ser como tal<sup>(12)</sup>.

Participaram como sujeitos desta pesquisa 7 (sete) familiares de alcoolistas identificados pela equipe saúde da família responsável pela atenção à saúde em uma comunidade da zona rural do município de Teresina-PI.

A coleta dos dados foi realizada entre os meses de junho e julho de 2009, utilizando-se como técnica para obtenção de dados a entrevista fenomenológica. A entrevista fenomenológica não pode ser visualizada como uma mera seqüência de perguntas e respostas, mas deve se realizar como um encontro social, de intersubjetividades. Nessa perspectiva, o sentido do ser é desvelado não só pela compreensão do que se fala, mas também do que se escreve, do que se gesticula, e até pela compreensão do silêncio, e para tal, a entrevista deve fluir naturalmente, com o cuidado de criar um ambiente favorável à incitação do ser do pesquisado<sup>(13)</sup>.

As entrevistas foram concluídas no momento em que os dados tornaram-se repetitivos, ou seja, quando houve a saturação dos mesmos. Em fenomenologia não há um critério amostral que indique o momento do encerramento da coleta, o critério adotado é o da repetitividade, pois esta "expressa o mostrar-se do fenômeno em sua essência"<sup>(14)</sup>. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra.

Para análise dos dados, tomamos por base o estudo de Bicudo para a organização dos dados obtidos<sup>(15)</sup> e de conceitos de Heidegger para a análise compreensiva acerca do fenômeno observado<sup>(12)</sup>. A análise dos dados de uma pesquisa fenomenológica busca o invariante, o que permanece, aquilo que aponta para o que o fenômeno é<sup>(14)</sup>.

Por tratar-se de pesquisa envolvendo seres humanos, o estudo obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí, sob o nº CAAE 0219.0.045.000-08. O estudo foi estruturado conforme as diretrizes que regulamentam as pesquisas com seres humanos (Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS).

### 3 DESCRIÇÃO E COMPREENSÃO DA VIVÊNCIA FAMILIAR

#### 3.1 Compreensão vaga e mediana

O ser-no-mundo expressa por meio de sua linguagem os significados que atribui às coisas com as quais se relaciona no horizonte de seu mundo circundante<sup>(12)</sup>. A partir da leitura e releitura dos discursos dos familiares, com o intuito de compreender os sentidos atribuídos por eles à sua vivência, buscamos identificar estruturas invariantes no seu ex-sistir. Essas estruturas foram agrupadas em unidades de significação, as quais "correspondem à dimensão ôntica do fenômeno"<sup>(13:93)</sup>.

#### Unidade de Significação I

Os familiares expressam sua vivência por um cotidiano de instabilidade e violência comunicado por: xingamentos, humilhação, agressividade, brigas.

*Quando ele tá bom ele é uma pessoa maravilhosa, eu acho que não tem pessoa melhor do que ele quando ele tá bom, mas é muito difícil ele tá bom. E quando ele tá bêbado se torna uma pessoa muito chata, e o que chateia mais é aquele xingamento, ele me xinga, xinga meu filho, todos esses nomes feios possíveis ele xinga a gente [...]Ele não me chama pelo meu nome, é só xingando. Agora nunca teve foi uma confusão grande assim dele querer me bater. Para mim a pior coisa da bebida é essa agressividade. (F1)*

*Quando ele bebe fica agressivo, humilha muito o menino, chamando o menino de moleque, mandando ele ir trabalhar, se sou quem faz as coisas dentro de casa. E ele acha que tá certo, o menino já passou foi uma semana fora de casa por causa dele, fica humilhando o menino. Comigo ele só não fresca porque eu falo mais alto, ele sabe que se ele vier me bater ele também pega. Quando ele tá bom é boa pessoa, mas na hora que bebe não tem quem agüente dentro de casa, já chega gritando, quebrando as coisas dentro de casa, é a cachaça. Ele fica muito agressivo, gosta de me xingar, de me humilhar, fica dizendo palavrão com a minha mãe, e ela não merece isso, e isso é na frente do menino. Fica dizendo que tem que dá respeito, como é que dá respeito, ele não tem moral nem pra ele mesmo. Eu fico incomodada com essa situação eu digo que só to com ele mesmo por que eu tenho pena e não vou embora porque os meninos não querem ir, porque senão não tava com ele mais não, ficar agüentando coisa ruim, já foi o tempo. (F4)*

*Quando ele chega já vem esculhambando de longe, é com os filhos, quando tão comendo, corre atrás dos filhos. Os filhos pra não fazer nada com ele sai de casa e deixa ele só. Mas só que eu não me incomodo com ele não, só não quero que ele*

*venha me bater, porque se partir pra cima de mim aí pronto. Mas vontade ele tem. O negocio é que não digo nada, deixo ele falar, porque eu acho que se eu falar alguma coisa que ele se zangue eu acho que ele vem pra cima de mim. Domingo mesmo ele veio pra cima de mim, só que ele não me bateu não, só socou meu braço. O negocio dele é me esculhambar, é me xingar. (F6)*

*Ele já tentou me bater, já tentou me agredir umas quatro vezes mas nas vezes que ele tentou eu fiz medo a ele de cadeia, e agora ele não vem mais não, fica só ali olhando de cara feia dizendo que ta com vontade de me dá um tapa. Aí eu digo se tu me der um tapa tu não vai contar pra ninguém. Não é uma coisa muito boa não ter uma pessoa que bebe dentro de casa, porque a gente não conversa com uma pessoa que bebe, a gente só faz brigar mesmo. (F7)*

### Unidade de Significação II

Os familiares expressam sua vivência pelos incômodos causados no ambiente familiar comunicado por: insônia, dificuldade para alimentar-se, banhar-se, derubar objetos.

*Quando ele chega em casa bêbado ele não sabe deitar, não sabe dormir, faz aquela bagunça toda [...]passa a noite me chamando, liga a televisão, liga as luzes, acende o fogão, fica pedindo o fósforo, ai me chama. Às vezes eu tranco a porta do meu quarto, mas ai ele bate na porta. Eu passo a noite inteira acordada, eu mando ele deitar, ele diz que eu que to doida que to boa de dormir, que ele não ta fazendo nada, e amanhece o dia naquele rojão. (F1)*

*A luta é difícil, eu digo para ele que tem os netos dele, tem que dar exemplo, mas ele não tem mais responsabilidade com nada. E me dar trabalho para tudo. Quando ele ta bebo, e isso é todo dia, dar trabalho para comer, dar trabalho pra se banhar. Ele comi desse tantim aqui, a comida dele é a bebida. (F2)*

*Quando ele bebe não deixa eu dormir de noite, fica me xingando sem vê nem pra que, e é difícil a gente conviver com uma pessoa assim dentro de casa. Ele diz as coisas, e fica só pisando dentro de casa e acende lâmpada, pega uma coisa pega outra, derruba uma coisa, derruba outra, justamente pra não deixar eu dormir. Eu me sinto humilhada, porque como é que a gente trabalha e no fim de semana é pra gente ter descanso e eu não tenho. Eu trabalho quando dá no fim de semana eu quero descanso e eu não tenho. (F7)*

### Unidade de Significação III

Os familiares expressam sua vivência pela preocupação excessiva e pelo acúmulo de responsabilidades

comunicado por: difícil, medo de quedas, sustento da família, trabalho em dobro.

*Quando ele ta bebendo ele não ta nem aí, chega não sei que hora, eu fico preocupada, olhando na janela com medo dele ter caído no caminho. Eu já fui não sei quantas vezes lá pegar, apita carro, apita moto dizendo que tem uma pessoa caída na estrada, aí eu vou lá pegar. (F1)*

*Quem é responsável pelas coisas na casa dele é mulher dele e eu, ele não tem responsabilidade, acabou-se. Eu crio a filha dele de 19 anos. E ele era um homem trabalhador, a única coisa que ele faz é assar todo dia quatro lata de castanha e eu dou quatro reais a ele, o pessoal brigam porque eu dou, mas de que adianta se eu não dar esse dinheiro a ele, se vai fazer besteira pra beber cachaça. (F3)*

*Eu não morro de fome, porque tenho coragem pra trabalhar, sou que sustento tudo, boto comida, compro os vales pra i pro colégio. Se fosse depender dele, ele não faz nada, não tem condição mais pra nada, não me ajuda em nada, é so na cachaça. As vezes eu arranjo um diária, duas, ele não vai, por causa da cachaça. Não compra um kilo de carne, um pacote de arroz, de açúcar, não serve pra nada. Se ele ganha quatro reais é pra tomar de cachaça. Fica difícil pra mim, to com 8 anos nesse sofrimento. O outro filho mora lá na rua, ta estudando, a gente faz um esforço, e é porque não tenho emprego, mas asso castanha e vou tocando a vida, mas por ele mesmo só vale a cachaça, parece que não tem família. É difícil. (F4)*

*A responsabilidade de casa sou eu, quem toma de conta de tudo, de comida, de roupa, de tudo. E quando ele precisa de alguma coisa quem dá sou eu. (F6)*

### Unidade de Significação IV

Os familiares expressam sua vivência por sintomas de desgaste físico e emocional pela convivência com o alcoolista, comunicado por: stress, nervoso, sofrimento, dores nas costas, hipertensão.

*Ter uma pessoa que bebe dentro da família é muito estressante (olhos marejados), mesmo porque ele não é o primeiro assim na minha família que já me deu trabalho com bebida. Tem hora que a gente faz é sorrir pra não chorar. Mas olha é estressante, estressante mesmo. Já to tão estressada, que quando eu vejo ele vindo pendendo eu já fico com os nervos à flor da pele. (F1)*

*É o vício, ele domina, obriga. Parece assim que é outra pessoa. Parece que eu nem conheço mais o homem que eu me casei. Olha isso para mim é uma doença, que adoce não só quem bebe, mas adoce a esposa, os filhos todo mundo. Eu agora*

*to ficando nervosa, penso de um dia chegar alguém dizendo que ele morreu por aí. Isso é doença. (F2)*

*Então eu acho pra mim que isso é um sofrimento, tem dia que eu não como pensando nele, eu fico pensando a minha vida é tão difícil, eu sinto uma carência. Eu sei que eu sofro, eu choro. A vida é pesada. Acredita que eu sinto uma dor aqui nas minhas costas, nas minhas costelas só de arrastar bêbado. Eu digo pra ele que eu to doente e que daqui a pouco, pra vê se dói na consciência, mas não dói não, não dói de jeito nenhum. (F3)*

*E o pior que não é o primeiro que eu luto, meu pai também é alcoólatra. Meu pai bebia tanto que minha mãe não agüentou e se separou dele. É duas barra pesada. Mas minha mãe só se separou do meu pai depois que adoeceu de tanto estresse, de trabalhar pra criar filho porque o papai nunca comprou uma lata de leite, nunca comprou nada pra gente, tudo foi a mamãe. Minha mãe tem diabetes, tem pressão alta, tem dia que as mãos dela amanece inchada, problema de coluna. Eu tenho até problema de coração. (F7)*

### Unidade de Significação V

Os familiares expressam sua vivência por sentimentos de vergonha e constrangimento comunicado por: não sair de casa, os amigos falando.

*E eu to nessa, quase louca sem saber o que eu faço e com vergonha, morta de vergonha. Ele se mijja e o pessoal ficam mangando, a filha dele fica morta de vergonha, ela não quer sair com vergonha do pai. Ela disse vó eu to uma criminosa por causa do meu pai, minha maior vontade é de me matar, porque quem tem um pai como esse, as colegas falando, mangando [...]. Quando é dia de domingo eu to acostumada a mandar dinheiro pra ele ir beber com medo dele roubar pra tomar cachaça, tenho medo demais, porque é o vício. Aí é que cresce mais a vergonha em cima de mim. [...]E eu me sinto envergonhada, muito envergonhada da cachaça dele, sem poder dá jeito. (F3)*

*A gente ver a mãe da gente beber na idade que ela é, não é muito bom não. Nem pra homem isso é bom, imagine pra uma mulher de 70 e poucos anos beber do tanto que ela bebe, porque ela bebe muito mesmo. Se fosse por nós ela não bebia não, mas a gente não pode fazer nada. Eu não me sinto bem porque ela bebe, eu sinto muita vergonha, não dela ser minha mãe mas por causa da bebida, acho que qualquer pessoa sentiria o mesmo que a gente sente. O pessoal fala uma mulher na idade daquela, bebendo, os filhos não pode levar ninguém dentro de casa porque fica com vergonha por causa da bebida, o pessoal comenta mesmo. (F5)*

*É muito difícil, é muito ruim, é muito humilhante. Já me incomodei demais com o povo da rua.. Ele fica*

*contando muita vantagem e o pessoal ficam mangando, eu não me sinto bem não. O pai dele se envergonha muito, e quando ele tá bêbado o pai dele não olha nem pra ele, o irmão dele que dá conselho, também já não agüenta mais já ta pra ir embora, já cansou do irmão dele. (F7)*

### Unidade de Significação VI

Os familiares expressam sua vivência pelos sentimentos de tolerância e conformismo:

*Eu já to cansando, to começando a me acostumar com ele desse jeito. Não adianta eu falar. (F2)*

*Eu acho que não tem jeito pra ela parar de beber, porque já fizemos de tudo, o médico vem ela faz é se esconder, diz que não bebe. Só quem ta passando é que sabe. É ruim a gente ter uma pessoa na família desse jeito, a gente quer tentar ajudar e a pessoa não quer a ajuda da gente, acha que o mais importante é a bebida. (F5)*

### Unidade de Significação VII

Os familiares expressam sua vivência pela possibilidade de cura comunicada por: fé, promessa.

*Ele não nasceu bêbado, ele nasceu bom, então porque não ter fé. Ela diz é muito se tivesse internamento pro papai eu internava, eu fazia todo meio pra internar. Eu fico pensando, é de internar ele e ele voltar é pior. Eu já fiz uma promessa pra nossa senhora do Carmo que ela me socorresse com aquele filho, como vivo ou como morto, mas que ela desse um jeito, porque o desespero ta grande, ta grande. Eu ver a filha dele naquele choro, sem eu poder dar jeito, naquele desespero, com vontade de fazer besteira. Eu acho quem só pode dar jeito é Jesus. (F3)*

*Por isso que ali não tem mais jeito não, o tanto que a gente já procurou tratamento pra ela, desde de nova e ela nunca quis, nunca ouviu os conselhos dos filhos pra parar de beber e continua bebendo, eu acho que não tem jeito não. Só Deus mesmo pra fazer com que ela pare de beber. (F5)*

### 3.2 Compreendendo o vivido familiar

Pelos discursos dos familiares, a vivência junto ao alcoolista é marcada por um cotidiano de violência e preocupação, que os leva a apresentar sintomas físicos e emocionais de desgaste, seja pela responsabilidade que assumem ao cuidar do outro, seja pelas situações de vergonha, constrangimento e humilhações por que passam. Entretanto, ao tempo que se mostram conformados e até um tanto tolerantes com a situação, esses familiares parecem buscar na fé, apoio e coragem para acreditarem na possibilidade de cura.

O ser revela-se como Ser-no-mundo, que está além de si, dentro do mundo. Ou seja, Heidegger insiste em dizer que o Ser-aí não é apenas uma coisa no mundo, é um ser no mundo, e tem sua existência vinculada às relações com o ambiente das coisas e de outras pessoas. Neste sentido, o ser tem uma existência compartilhada, é um ser-com<sup>(12)</sup>.

A ex-sistência de cada um dos familiares encontra-se atravessada pela experiência de ter na família um alcoolista, o que parece repercutir na forma como significam suas relações com as pessoas e com a vida. Os seus relatos nos remetem a relação entre o ser-aí e o mundo circundante, ou seja, com tudo aquilo que se encontra nas situações vividas por eles. Desse mundo fazem parte as coisas externas e o próprio ser, que ao entrarem em contato, proporcionam uma percepção sobre o significado dessas coisas para o ser-aí.

Os familiares não escolheram ter uma pessoa na família que faz uso excessivo de álcool, esse mundo lhes é imposto de forma inesperada. A facticidade é o fato de o homem ter sido lançado no mundo, independentemente de sua vontade, e essa sua condição existencial o expõe a situações não-planejadas, não esperadas por ele, as quais o fazem existir por meio de idéias e de sentimentos acabados, como um ser exilado em si mesmo<sup>(12)</sup>.

Esse novo mundo impõe aos familiares uma nova vivência, a da violência. Esta é estendida a todos os membros da família e caracterizada principalmente por xingamentos e ameaças, mas que algumas vezes chega a sua forma física. Revela-se então um ambiente familiar instável e conflituoso, permeado por desavenças, desconfianças, humilhações e medo quanto às atitudes do outro.

A violência é fato presente em um ambiente alcoolista, fazendo com que o cotidiano seja permeado de conflitos e os relacionamentos sejam caracterizados pela ameaça, desqualificação e ciúme, levando a um ambiente familiar de desarmonia e desconfiança<sup>(9)</sup>.

Além disso, o cotidiano familiar é modificado de acordo com os momentos de embriaguez do alcoolista. Situações do dia-a-dia, como a alimentação e o sono, sofrem interferência, e os familiares referem-se a um incômodo a que são submetidos, de passarem a policiar o alcoolista quanto a seus hábitos higiênicos, e alimentação, tendo muitas vezes que assumir a execução das tarefas por ele. O familiar passa a cuidar do alcoolista.

O cuidar assume a forma de solicitude, a qual poderá ocorrer de duas formas: uma em que o ser "salta em cima do outro" e toma conta dele e por ele; e outra que possibilita ao outro assumir o seu caminho. Agindo assim, acredita-se que ele salva o outro para torná-lo transparente a si mesmo em seu cuidar e para torná-lo livre para si<sup>(12:41)</sup>.

Os familiares alternam entre um e outro modo de solicitude, sendo que o primeiro predomina sobre o segundo, pois para eles a dependência do álcool é paralisante, domina o indivíduo e o faz um ser totalmente

dependente, seja para a realização de suas atividades diárias seja no seu caminho de luta contra o vício. O familiar toma para si tanto a cotidianidade como a responsabilidade do indivíduo alcoolista.

Essa fuga de si mesmo para arremessar-se no outro é denominada de decadência. É na decadência que o homem oculta o seu ser-no-mundo-como-tal e perde-se no cuidar de um outro<sup>(12)</sup>. A rotina a que se aprisionam fazem com que esses familiares abduquem de se mesmos para dedicarem seus cuidados aos alcoolistas nas suas atividades diárias, uma vez que consideram estes inaptos para a realização das mesmas. Junta-se a isso o fato de que os familiares passam a ter uma maior responsabilização pela casa, com o financeiro, com os filhos, além de muitos deles já cuidarem de outras familiares como pais, irmãos e avós.

O ser não pode ser compreendido isolado, mas concebido como aquele com qual coexiste no mundo da cotidianidade, uma vez que este outro e o mundo não podem ser vistos como algo alheio ao ser, mas que também faz parte de si. O ser-com, portanto, é uma característica existencial do ser-aí, é parte constitutiva do existir humano<sup>(12)</sup>.

O ser-família nessa relação de cuidar e de ser-com-os-outros passa a experimentar a inautenticidade. Há dois modos de estar-no-mundo que consistem na existência autêntica (modo próprio de ser) e na existência inautêntica (modo impróprio de ser). A existência autêntica é aquela que se entrega a tarefa de mergulhar na dimensão mais profunda do ser, é a esfera da existência que procura conhecer o que lhe é mais próprio, o que verdadeiramente lhe diz respeito. Por outro lado, a existência inautêntica caracteriza-se por uma impropriedade, ou seja, é a esfera da existência que segue sem direção própria, assim prefere o conforto da superfície, modo esse que se traduz no fenômeno da linguagem chamado de falatório<sup>(12)</sup>.

Na inautenticidade as possibilidades de ser-no-mundo são projetadas nos objetos e o mundo passa a ser o foco de preocupação. Neste modo de existir, o homem evita toda a responsabilidade pessoal, aceitando as opiniões e normas que vem da massa. O eu individual abandona a possibilidade de ser si próprio e perde-se no meio do todo, torna-se anônimo, impróprio. No existir inautêntico a palavra evidencia o decaimento através do falatório, em que o homem perde-se na cotidianidade, na opinião de todo mundo, no "a gente", o qual alivia o dasein da decisão da sua responsabilidade.

Esse conviver inautêntico leva o familiar a descobrir-se numa situação de abandono, em que vê sozinho na luta do dia-a-dia com o alcoolista, sentindo falta do afeto daqueles com os quais convive. Esse abandono muitas vezes durante a entrevista é manifestado pelo silêncio, por olhos marejados e perdidos no vazio, pela tristeza nas falas dos familiares.

Os familiares também revelam em sua linguagem, neste estar-sendo-no-mundo com o alcoolista, uma preocupação quanto ao estado de saúde, a integridade fí-

sica e moral do alcoolista. A palavra "difícil" emerge como representante desse cotidiano de preocupação com o outro que vivencia o familiar.

Geralmente, a família faz-se representar por um membro que assume a condição de cuidador do alcoolista, responsável por carregar o peso e o ônus dessa situação imposta, que pode ter sido uma escolha não negociada e até negada, cuja única opção acarreta um contínuo cuidado oneroso e imensurável em suas vidas exigindo formas de silenciamento e/ou exaltação da singular e real situação familiar, provocando desgaste físico e emocional. Os aspectos da afetividade são re-dimensionados para os sentimentos negativos desse ônus sócio-familiar<sup>(5)</sup>.

Os familiares expressam que essa incumbência de cuidar do outro, nessa relação de ser-com, acarreta lhes uma sobrecarga, que os faz experimentar sintomas de desgaste tanto físico como emocional, representado dores e sentimentos de vergonha (representados pelos insultos a que são submetidos na presença pública e pelas atitudes constrangedoras do alcoolista) e impotência, fazendo com que os familiares apresentem um certo conformismo.

A convivência com um membro alcoolista, traz para a família uma forte carga emocional e psico-afetiva, gerando uma arena de conflitos permeada por insultos, choros, desabafos e atitudes coercitivas, além dos rompantes de agressividade verbal e física que se inicia no domicílio ou na via pública<sup>(5)</sup>. O estresse presente na relação do alcoolista com sua família tem explicação na necessidade de controle dos familiares sobre o comportamento, ao mesmo tempo em que o desqualifica na execução de tarefas de sua responsabilidade e o mantém dependente afetivamente, através da super-proteção familiar<sup>(6)</sup>.

Esses sentimentos de abandono, preocupação, vergonha, humilhação, conformismo, incerteza quanto ao que pode vir a acontecer, faz com que os familiares sintam-se angustiados diante de si e do mundo.

Na angústia o que nos ameaça não está em parte alguma e o temor se desloca para o mundo como mundo, mostrando um Dasein desabrigado. É esta fática possibilidade de desabrigo que angustia, a não familiaridade com o mundo, o não-poder-ser livre, a queda da tranquilidade do cotidiano, essa permanência da fatalidade que faz com que o ser-no-mundo sintam-se angustiado. É nessa angústia que o mundo surge aniquilando todas as coisas particulares que rodeiam o homem, apontando para o nada<sup>(12)</sup>.

Essa angústia muitas vezes é reforçada pelo preconceito, que os faz desviar-se do relacionamento social para ocultar-se no mundo, emergindo novamente o modo de ser inautêntico. Esse isolar-se do convívio com outros no mundo ocorre não só pelo sentimento de vergonha já mencionado, mas também pelo temor de comentários, desrespeito e curiosidade dos outros.

O temor proporciona ao ser-aí o afastamento de seu poder-ser mais próprio, em um movimento de esquecimento de si mesmo, no qual ele não se reconhece mais

em seu mundo circundante e não visualiza as várias possibilidades ao seu redor, tornado-se aflito e conturbado<sup>(12)</sup>. Assim, o temor emerge na leitura das falas dos familiares quando estes se vêem diante da possibilidade de escutarem comentários por parte daqueles que convivem na sua comunidade, sobre a situação por eles experienciada, de forma a torná-la exposta e motivo de chacota, preferindo aprisionar-se em casa a ter que vivenciar esses momentos difíceis e inesperados.

A família também sofre com o estigma e discriminação através de estereótipos impostos pela contemporaneidade, pois a sociedade impõe ao indivíduo a capacidade de exercer controle sobre seu comportamento, o que o alcoolista não faz, o que evidencia a intolerância e o preconceito<sup>(16)</sup>.

No entanto, apesar dos familiares exprimirem um sentimento de inquietação quanto à possibilidade de cura, buscam em si mesmo e, principalmente na fé, a força para enfrentar a situação e alternativas no modo de vida, de forma a elaborar novos projetos e pensar no futuro. Percebe-se então, que os familiares nesse estar-aí como familiar de alcoolista, procura antecipar suas possibilidades e as ver como um desafio para voltar a ver ser familiar saudável, enfatizando a importância que isso teria não só para o alcoolista, mas para toda a família.

Quando o homem projeta-se em direção à sua possibilidade mais própria ele consegue avistar e assumir o seu estar-no-mundo<sup>(12)</sup>. É a esperança que possibilita ao ser-aí emergir de sua angústia, tomar posse de si mesmo e vislumbrar novas possibilidades. É, então, a crença de que exista algo ou alguém que olha por eles, os familiares, que os faz terem esperança na cura da dependência do álcool. É essa fé que os faz enxergar as possibilidades do vir-a-ser e lhes garante coragem para prosseguir na luta, assumindo a realidade e as responsabilidades, e os faz projetar-se para um existir genuinamente autêntico.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o ex-sistir dos familiares de alcoolistas é resgatar seu próprio ser-no-mundo, muitas vezes perdido em um cotidiano violento e angustiante. Ao desvelar-se o fenômeno do alcoolismo na família percebe-se que o cotidiano é permeado por violências, as quais trazem à tona um ambiente familiar inesperado, de instabilidade e dificuldades. O álcool condiciona a rotina e acarreta sérias repercussões na vida dos familiares, afetando negativamente sua autonomia, sua individualidade, suas relações, sua saúde.

Os familiares puderam resgatar a si mesmo ao expressarem a sua angústia existencial e o significado de ter um alcoolista na família. Apesar de se portarem como seres decadentes, imersos no cuidar do outro, esses familiares mostraram-se como seres de força e coragem, que assumem a responsabilidade deixada pelo alcoolista, seja no suprimento financeiro da família seja na criação dos filhos. Essa duplicidade de papéis traz

para o familiar desgaste não só de seu corpo físico, mas emocional, reforçado pelas humilhações a que são submetidos, a vergonha, o preconceito, e pelo fato de se sentirem solitários na luta.

Entretanto, é também nesse cuidar que os familiares encontram seu modo de ser autêntico, que o permite enxergar na esperança, mais especificamente na fé, uma possibilidade de cura, não só do alcoolismo, mas de todas as vicissitudes trazidas para a família em sua decorrência.

Ao visualizar o cuidado como uma forma de relacionar-se com outro ser, é que se percebe a necessidade de voltar-se um olhar para as famílias. A manifestação desse cuidar não deve se restringir ao amparo físico, mas deve apresentar-se em um estar-com-o-outro, de dialogar, de compartilhar, de relacionar-se, em um movimento recíproco, de forma a mostrar-lhes o seu po-

der-ser mais próprio e um sentido para assumir-se como seres de possibilidades, em um modo de ser autêntico.

Quanto às contribuições deste estudo para a prática dos profissionais de Enfermagem, entendo ser importante a adoção de uma nova postura, em que se busca compreender o outro a partir das percepções que este tem sobre seu vivido. Esse repensar no fazer da Enfermagem perpassa necessariamente pela valorização da sensibilidade, da subjetividade e da singularidade do outro, esse ser que significa e vivencia de diferentes formas os fenômenos. É com essa disposição de fazer um cuidado solícito e de permitir uma abertura desse ser para seu mundo vivido, que se contribui para o resgate da sua liberdade de escolha frente às possibilidades, apesar das adversidades a que se encontram submetidos.

## REFERÊNCIAS

- Costa JSD, Silveira MF, Gazalle FK, Oliveira SS, Hallal PC, Menezes AMB et al. Consumo abusivo de álcool e fatores associados: estudo de base populacional. *Rev. Saúde Pública* [periódico on-line]. 2004 [acesso em: 23 Abr 2010]; 38(2):284-291. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102010000500018&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102010000500018&script=sci_arttext)
- Carlini EA, Galduroz JCF, Noto AR, Nappo SA. I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país. São Paulo: CEBRID; 2002. [acesso em: 23 Abr 2010]. Disponível em: [www.unifesp.br](http://www.unifesp.br).
- Carlini EA, Galduroz JCF, Noto AR, Nappo SA. II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país. São Paulo: CEBRID; 2006. [acesso em: 23 Abr 2010]. Disponível em: [www.unifesp.br](http://www.unifesp.br).
- Reinaldo MAS, Pillon, SC. Repercussões do alcoolismo nas relações familiares: estudo de caso. *Rev. Latino-am Enferm.* [periódico on-line]. 2008 [acesso em: 24 Abr 2010]; 16(especial):529-534. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/rlae/v16nspe/pt\\_05.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v16nspe/pt_05.pdf)
- Miranda FAN, Simpson CA, Azevedo DM, Costa SS. O impacto negativo dos transtornos do uso e abuso do álcool na convivência familiar. *Rev. Eletrônica de Enfermagem* [periódico on-line]. 2006 [acesso em: 23 Abr 2010]; 8(2):222-232. Disponível em: [http://www.fen.ufg.br/revista/revista8\\_2/v8n2a07.htm](http://www.fen.ufg.br/revista/revista8_2/v8n2a07.htm)
- Atkinson ID, Murray ME. Fundamentos de enfermagem. São Paulo (SP): Guanabara Koogan; 1989
- Brunner LS, Suddarth DS. Tratado de enfermagem médico-cirúrgica. Vol 1. 10 ed. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan; 2005
- Filizola CLA, Perón CJ, Nascimento MMA, Pavarini SCI, Petrilli Filho JF. Compreendendo o alcoolismo na família. *Esc. Anna Nery* 2006; 10(4):660-670.
- Santos ECV, Martim D. Cuidadoras de pacientes alcoolistas no município de Santos, SP, Brasil. *Rev. Bras. Enfermagem* [periódico on-line]. 2009 [acesso em: 23 Abr 2010]; 62(2):194-199. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n2/a04v62n2.pdf>
- Fornazier ML, Siqueira MM. Consulta de enfermagem a pacientes alcoolistas em um programa de assistência ao alcoolismo. *J Bras Psiquiatr* [periódico on-line]. 2006 [acesso em: 23 Abr 2010]; 55(4):280-287. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v55n4/a04v55n4.pdf>
- Coimbra VCC, Oliveira MM, Villa TCS, Almeida MCPI. A atenção em saúde mental na estratégia saúde da família. *Rev. Eletrônica de Enfermagem* [periódico on-line]. 2005 [acesso em: 23 Abr 2010]; 7(1):113-117. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen/article/view/847/1021>
- Heidegger, M. Ser e tempo. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Parte I. 12 ed. Rio de Janeiro (RJ): Vozes; 2002
- Monteiro CFS. Marcas no corpo e na alma de mulheres que vivenciam a violência conjugal: uma compreensão pela Enfermagem [tese]. Rio de Janeiro (RJ): Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2005
- Boemer MR. A condução de estudos segundo a metodologia de investigação fenomenológica. *Rev. Latino-Am. Enferm.* [periódico on-line]. 1994 [acesso em: 12 Nov 2010]; 2(1):83-94. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v2n1/v2n1a08.pdf>
- Bicudo, MAV. Fenomenologia - confrontos e avanços. São Paulo (SP): Cortez; 2000.
- Tissot, CL. A influência da família sobre a adesão ao tratamento do dependente químico: um estudo piloto sobre a emoção expressa [dissertação]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo; 2006. [acesso em 2010 Abr 23]. Disponível em: [www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde.../CiriloLiberatoriTissot.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde.../CiriloLiberatoriTissot.pdf)